

OPINIÃO



Economia Real

Luís Todo Bom

AS IMPLICAÇÕES DO RATING

Quando de fala no *rating* da República portuguesa, refere-se, como única implicação, a taxa de juro aplicada à nossa dívida pública. Mas as implicações do nosso baixo *rating* são muito mais vastas, englobando aspetos qualitativos e quantitativos.

Em termos quantitativos, o nosso nível de *rating* contamina o *rating* das nossas empresas, encarecendo e restringindo o seu financiamento, nomeadamente nas praças internacionais, e limita fortemente o investimento, nas nossas empresas, por parte dos fundos de investimento internacionais, tornando a Bolsa portuguesa quase inexistente.

No âmbito qualitativo, o nosso *rating*, que se convencionou chamar de 'lixo', cria uma perceção de país mal gerido em toda a comunidade financeira internacional, com custos reputacionais para as nossas empresas, dificultando a sua evolução para produtos de maior valor acrescentado e mercados mais sofisticados.

A alteração do *rating* só ocorrerá quando a dívida pública começar a baixar

É, pois, urgente a melhoria do nosso *rating*. Mas este não se altera com afirmações, tecnicamente mal fundamentadas, de que as agências de *rating* não têm razão e estão a perseguir, injustamente, o nosso país. Esta alteração só ocorrerá quando a dívida pública começar a baixar. E, quanto mais depressa os nossos dirigentes políticos assimilarem esta realidade, melhor.

Se aproveitarmos a atual conjuntura, interna e externa, favorável da nossa economia, com taxas de crescimento acima do previsto, para diminuirmos, mesmo que marginalmente, o nosso *stock* de dívida, podemos então iniciar um diálogo construtivo com as agências de *rating*, o que permitiria uma redução significativa da taxa de juro sobre a dívida pública.

E os efeitos imediatos dessa alteração seriam muito relevantes para a nossa economia, já que nos permitiriam desenvolver um programa agressivo de atração de investimento estrangeiro e de aumento do valor das nossas exportações.

Deste modo, melhorariamos a nossa balança comercial e criariamos condições para um crescimento do PIB mais expressivo e duradouro, ou seja, entrávamos, decididamente, no "ciclo virtuoso do crescimento".

Aliás, as recomendações das agências de *rating*, nos relatórios que têm elaborado, vão exatamente neste sentido, de garantir que o nosso crescimento é sustentável e não conjuntural.

Difícilmente ocorrerão nos tempos mais próximos condições de conjuntura externa tão favoráveis como as que o país vive neste momento. Assim sendo, este processo de crescimento sustentado só depende de nós.

Gestor de empresas